

CONCEITO DE CULTURA (SOFTWARE)

Armando Corrêa da Silva *

Neste trabalho não tomo cultura em dois sentidos: o antropológico e o de erudição. O ponto de partida aqui é ontológico e o argumento, epistemológico.

Num sentido amplo a cultura faz parte de um universal, ou seja, um conjunto de idéias-valores inerentes a qualquer ser humano.

Por isso, considero todas as ideologias, como aspectos da cultura.

No entanto, a particularidade demonstra a existência de vários âmbitos em que ela se manifesta. Diz-se, Por exemplo, “cultura Ocidental”, “cultura Oriental”, “cultura de um povo”, “cultura de uma classe, uma casta, um estamento, um pequeno grupo social”, “expressão de minorias”, “expressão de maiorias”.

No singular diz-se: “fulano tem uma cultura filosófica”, ou “uma cultura sociológica”, “uma cultura geográfica” etc.

Então, numa primeira aproximação, cultura é conhecimento.

Mas, de que natureza é esse conhecimento?

Isso remete ao saber especializado em suas várias vertentes. Por isso, talvez a forma de expressão da cultura, no sentido apontado, seja o ensaio. E, então, o livre pensar, destituído dos rigores dos compartimentos técnicos e científicos.

Mas, como pensar para além da divisão intelectual do trabalho? E, também, da divisão técnica?

No entanto, diante da configuração atual do mundo em processo de globalização, como ultrapassar a fragmentação do real?

Trata-se de ultrapassar os limites e as barreiras postas pelas diferenças e desigualdades.

* Professor Titular do Depto. De Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

A cultura como conhecimento implica na elaboração de um discurso que componha o imaginário, a memória, a subjetividade e a objetividade para mais além da máxima consciência possível.

É preciso que cada fala seja despojada de suas delimitações auto-referentes nas culturas particulares e singulares. Com isso, chega-se ao núcleo ontológico do pensamento nas categorias mais gerais e concretas.

Mas, a que Ser estamos nos referindo?

UM FRAGMENTO GNOSEOLÓGICO

Se cultura é conhecimento, o que é o conhecimento em si?

A modernidade, a partir da divisão cognoscente da mente, é indicadora de uma possibilidade: a intra-objetividade, da qual o sujeito é a mente.

O posicionamento de uma ruptura interior da psique relaciona o eu e o para-si. Um monólogo interno em que o consciente debruça-se sobre ele próprio, estabelecendo um diálogo cognitivo individual-social.

Então, o cultural expressa-se como idéia valorativa - uma razão especial não material mas concreta - que orienta elicritivamente um estado do espírito.

O suporte dessa concretude são os particulares e os singulares objetivos.

O pensamento se move como raciocínio ontológico que a natureza do conhecimento, como caracterizado acima, mostra-se concreta na subjetividade abstracional, inerente às idéias.

A consciência universal revela, não obstante, a possibilidade do todo contido na cultura. Esse é, contudo, o limite da máxima inteligibilidade, além do que a comunicação da informação torna-se um em si indecifrável.

A pós-intelecção, nos estados de excitação psico-motores, abre a mente à interferências que sugerem o ultrapassamento do universal, na medida em que este põe-se como um pensar enclausurado pelas limitações da própria idéia de cosmos.

Assim, o conhecimento ampliado liberta a mente dos constrangimentos da própria cultura, abrindo o caminho para uma situação pós-cultural.

Mas, ultrapassamos agora o próprio objeto de nosso tema?

Ou é preciso trabalhar com um conceito de universal diferencial?

A pluralização do universal abre caminho para o fim da idéia de fundamentos.

Isso passa a afetar o significante e o significado, ou seja, o significante torna-se significado e o significado torna-se significante.

O que resta?

Um complexo de relações sem finalidades.

O Ser conhecimento defronta-se com seu contrário.

Pois a dúvida repousa na recusa do valor-idéia. E aí?

É que a contradição instala-se na mente.

DESCONSTRUINDO AS OPOSIÇÕES

Destituído o saber de fundamentos estamos aceitando a mudança cultural.

O movimento do real relaciona o sujeito-objeto e o objeto-sujeito. Mas, impõe como anti-paradigma o Ser na relação, isto é, não há mais denotativos nem referentes. A liberdade assim posta é a necessidade do estar vivendo o imponderável ausente de positividade.

Não há nada mais concreto do que o abstrato.

Assim, o universal referido no início deste trabalho se põe além da imaginação.

Por isso, a pluralização do universal não significa particularizá-lo ou singularizá-lo.

Então, a universalidade compõe um conjunto de imagens que é o configurar-se de uma não-lógica, quando o rigor apresenta-se apenas como simulação.

Mas, a simulação tem um sentido na não-causalidade, que nada tem a ver com o absurdo.

Estamos diante de um significante e um significado que nos escapa a cada instante. Daí, o vazio da mente, quando o cotidiano é a consubstanciação do Ser, para além dos imperativos do sistema.

Por isso, o lugar sem coordenadas. Qualquer direção é possível.

Queremos dizer que as relações se interpenetram sem definir negações-de-negações.

O motor é o nada.

Ora, o universal como todo não apresenta uma forma, embora seja a manifestação destituída de pressupostos: o começo de um fim.

Mas, começo e fim são contingentes.

Tentamos dizer que o começo e o fim se esgotam em suas teleologias supostas.

Mudar culturalmente, num momento de efemeridade do real, é em primeiro lugar abalar o status da objetividade posta, que não representa coisa alguma e, em segundo lugar, abalar o status da subjetividade, que não ousa ir mais além do que sua própria incognitudo.

Preencher o espaço torna-se, num momento inicial, valorizá-lo com ausência presente.

A meta-teoria põe-se, ontologicamente, como construção possível, que a epistemologia desfaz enquanto referência. O reino das impossibilidades aponta o futuro,

O saber e o fazer tornam-se um exercício livre de oposições e de obstáculos.

CONDIÇÃO DA PÓS-VANGUARDA CULTURAL

A condição pós-moderna caiu em sua própria armadilha. Referimo-nos principalmente ao pós-modernismo.

E meio aos acontecimentos da década de 60 surgiu um movimento de contra-cultura que já estava maduro em 68. Na verdade, opunha-se às idéias-valores anteriores e preconizava, não o começo, mas o fim da modernidade, sem pretender constituir-se em um novo paradigma.

A discussão do fim da história era o núcleo dos discursos, ou seja, não mais as grandes narrativas indicadoras de um futuro pré-definido.

No entanto, neste ano de 1998, o pós-modernismo vai completar 30 anos de existência e, portanto, já tem uma história.

Poder-se-ia falar em uma crise do pós?

Ou isso é compatível com o terceiro estágio do capital?

Para responder é preciso negar qualquer visão catastrófica.

Por isso, a suposição que fazemos aqui é de que, nos primeiros anos 90 houve uma inflexão do pós que denominamos pós-vanguardismo e que continua sendo uma manifestação cultural

Para compreender isso é preciso considerar que, se vivemos tempos conservadores, há, em curso, ainda, uma revolução tecnológica e científica.

Por isso, a pós-vanguarda, se é um aspecto da mudança cultural, ela pode ser pensada como, de um lado, alguma coisa nova surgindo e, de outro, como a continuidade do pseudo-projeto pós-moderno

É preciso levar em conta que não há uma relação direta entre a cultura, como um universal, e as transformações que estão ocorrendo no planeta via globalização.

Há uma “cultura da paz” que convive com uma “cultura da violência”.

O que o leitor pode entender aqui com essa argumentação, depende da leitura que faça do texto.

A dificuldade principal reside em que o futuro e o passado estão imersos no presente.

E, é esse o terreno da luta.

Se o funcionalismo está esgotado como cultura, não o está como prático-sensível. Se o marxismo está esgotado como cultura, não o está como teleologia.

Essas ideologias, aspectos da cultura no sentido proposto aqui, prosseguem sua trajetória pós-moderna e moderna, inspirando projetos e planos.

A pós-vanguarda e o pós-vanguardismo representam iniciativas em processo de efetivação, compondo mais um elemento da complexa situação contemporânea.

CULTURA E TERCEIRO ESTÁGIO DO CAPITAL

O capital global apresenta-se como um estágio da reprodução ampliada de caráter composto e relacional, propiciado pela existência da informática, telemática, robótica, redes e satélites que transportam a informação a qualquer distância em tempo real.

O valor, antes só transmitido pela força de trabalho e pelas máquinas no terreno empírico da produção e do consumo, flui na relação através de muitas mediações. Ao lado de seu modo objetivo e pretérito, que continua a ocorrer, existe agora como subjetividade, ou seja, como expressão de relações eletrônicas, alheias aos diversos atores e agentes dos processos supra-estruturais.

A máquina inteligente substitui o homem em uma grande quantidade e qualidade de operações.

Por isso, o pensamento, fora dos processos de colagem, anda de modo lento, pois depende da velocidade possível do raciocínio ontológico e epistemológico.

Paradoxalmente, no entanto, ele concentra valor uma vez que pode operar sínteses analíticas que são resultado de muitas reflexões parciais.

Mas, o software depende da perfeição do hardware. Isso faz com que o trabalho intelectual exerça pressão sobre os tecnólogos, responsáveis pela base técnica e científica dos aparelhos eletrônicos.

Então, se a cultura se universaliza, ela apresenta a ocorrência de muitos atritos, reflexos da própria democratização do consumo.

O sistema ganha agilidade apesar da resistência do baixo padrão de treinamento dos operadores e de aspectos difusos na preferencialidade do conjunto dos usuários diversos.

O desempenho ótimo da empresa significa desemprego tecnológico e uma grande mobilidade no âmbito do trabalho, em função da velocidade das invenções tecnológicas e sua difusão rápida.

O mercado funciona, assim, de um modo novo, em que as relações mercantis se democratizam através do setor informal, em condições do alto valor de moedas e papéis.

A cultura técnica tende, então, a universalizar-se, gerando novos aportes ideológicos e, com isso, influenciando a cultura, no sentido amplo examinado aqui.

A técnica transforma-se num valor universal.

Se a cultura faz parte de um universal plural, ela mundializa os valores-ideias que convivem com o passado e o futuro presentes.

MODO DE PRODUÇÃO E MODO DE PRODUZIR

O saber e o fazer são modalidades cognoscentes diversas da reflexão e da praxis.

O saber reflexivo só pode por-se agora como meta-teoria. O fazer praxeológico só pode por-se agora como tecnicidade.

A sociedade, que pressupõe as relações individuais e sociais, e a instrumentalidade que pressupõe o trabalho manual, estão em conflito.

A complementaridade das relações e da instrumentalidade só pode por-se em harmonia na necessidade que uma tem da outra.

O pensamento defronta-se com a funcionalidade da razão técnica, o que está na base da inutilidade do intelectual independente.

O intelectual orgânico é no momento presa do sistema, que dele precisa para operar o funcional.

A cultura técnica demanda outro tipo de pensar.

Daí, a atualidade do pragmatismo e da hermenêutica.

Achamos que essa dualidade só pode resolver-se na emergência de uma sociedade e indivíduo pós. O que já ocorreu.

Agora, o mundo pós-vanguarda impõe uma reversão de expectativas, na direção de valores nacionais e internacionais diversos do período anterior.

O desconhecido já está posto, na aceleração das estruturas já elaboradas.

De certo modo, já sabemos qual vai ser a continuidade dos eventos do século XXI.

A cultura anterior, da modernidade, transforma-se num fantasma que a pós-modernidade obliterou.

Etnias e religiões - islamismo, cristianismo, protestantismo, judaísmo - são suportes do dilema das dimensões de um espaço restrito à superfície do planeta.

Por isso, mesmo a cultura como um universal tem limites.

A transcendência depara-se com o ainda atraso relativo da ciência e da técnica, transtornadas por sua própria velocidade sem rumo.

No cotidiano do lugar continua-se a vivenciar o antropomorfismo.

Presa de suas contradições a população aliena-se em projeções de espiritualidade, próprias da sociedade do espetáculo.

Uma projeção secularizada que é confundida com a carga emocional do mundo super-star, na miséria e no luxo.

De um mundo da mídia passa-se a uma mídia sem rumos.

MANIFESTAÇÕES DA CULTURA

A cultura popular nasce com o advento da categoria povo e, então, na modernidade.

De certo modo é uma cultura urbana, embora tenha origem no rural. No início ela contrapõe-se à cultura da aristocracia, desde o século XVII.

O mundo industrial faz reverter essa tendência, No século XIX o folhetim é uma amostra disso. Mas, não se trata ainda da cultura de massa.

A cultura de elite só pode efetivar-se como contraponto à cultura popular. Por isso, só o advento da cultura industrial, democratizando o povo na pessoa do cidadão, dará ensejo ao devir da cultura de massa.

Mas, a massa surge coincidentemente com o crescimento populacional e a urbanização intensiva do século XX.

Na atualidade, a globalização cria, no Ocidente, particularmente nos Estados Unidos, a cultura pop.

Dadas essas referências, convém discutir certos aspectos da universalização da estética via mídia.

O som, a côr, a plástica, a imagem, a palavra, o gesto têm uma história diversa e multifacetada.

Em todo esse processo está presente a transubstanciação do valor.

As emoções comandam a demanda mais do que a razão. Mas, emoções e razão norteadas pela tecnicidade do presente.

A espontaneidade passa a ser uma performance, desempenho esse adstrito a regras e não-regras, mas presas a diversas facetas lógicas.

A arte é, assim, o momento em que a cultura mais se universaliza, ultrapassando o rigor metódico pretérito, definido pela filosofia e pela ciência.

Há, a partir da crise da modernidade, nos anos 60, o advento de uma cultura pós.

Inicialmente, como pós-modernismo, como já foi visto.

Agora, como pós-vanguardismo, um momento de mudança que afeta valores e idéias tornando inútil o sujeito e o objeto.

Relações de valor abstrato comandam o pensar do final do século, que já tem contornos definidos.

Novas manifestações da cultura, no sentido ontológico e epistemológico. Defendido aqui, só são possíveis com o abandono de qualquer referência estável. A velocidade atual comanda o que é e que, por isso, está sendo, mesmo ainda como projeto e plano.

LEITURAS

Arantes, Otilia B. Fiori (e) Paulo Eduardo (1992) Um Ponto Cego no Projeto Moderno de Jürgen Habermas. Arquitetura e Dimensão Estética depois das Vanguardas, Editora Brasiliense, São Paulo.

- Baudrillard, Jean (1993) *À Sombra das Maiorias Silenciosas. O Fim do Social e o Surgimento das Massas*, 3ª Edição, Editora Brasiliense, São Paulo.
- Berman, Marshall (1987) *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. A Aventura da Modernidade*, Companhia das Letras, São Paulo.
- Bornheim, Gerd et alii (1995) *O Desejo*, Companhia das Letras, São Paulo.
- Bradbury, Malcolm (e) McFarlane, James (1989) *Modernismo, Guia Geral*, Companhia das Letras, São Paulo.
- Connor, Steven (1992) *Cultura Pós-Moderna. Introdução às Teorias do Contemporâneo*, Edições Loyola, São Paulo.
- Deleuze, Gilles (1988) *Diferença e Repetição*, Graal, São Paulo.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa (e) Costa, Rogério Haesbaert (1988) *O Espaço da Modernidade in Terra Livre no Nº 5*, AGB, São Paulo.
- Giddens, Anthony (1991) *As Conseqüências da Modernidade*, 2ª Edição, Editora UNESP, São Paulo.
- _____ (1995) *Para Além da Esquerda e da Direita*, Editora UNESP, São Paulo.
- Goldmann, Lucien (1972) *A Criação Cultural na Sociedade Moderna (Por uma Sociologia da Totalidade)*, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- Habermas, Jürgen (1990) *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Harvey, David (1992) *Condição Pós-Moderna*, Edições Loyola, São Paulo.
- Ianni, Octávio (1993) *A Sociedade Global*, 2ª Edição, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- _____ (1995) *Teorias da Globalização*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- Jameson, Frederic (1996) *Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*, Editora Ática, São Paulo.
- _____ (1994) *Espaço e Imagem, Teorias do Pós-Moderno e Outros Ensaio*s, Editora URFJ, Rio de Janeiro.
- Kaplan, E. Ann (org.) (1993) *O Mal-Estar no Pós-Modernismo. Teorias e Práticas*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- Kurz, Robert (1993) *O Colapso da Modernização. Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial*, 3ª Edição, Paz e Terra, Rio de Janeiro.

Leite, Maria Angela Faggin Pereira (1994) *Destruição ou Desconstrução?* Editora HUCITEC-FAPESP, São Paulo.

López, Julio (1988) *La Música de la Posmodernidad. Ensayo de Hermenéutica Cultural*, Anthropos, Barcelona.

Lyotard, Jean-François (1989) *A Condição Pós-Moderna. Trajectos*, Gradiva, Lisboa.

_____ (1954) *A Fenomenologia* Edições 70, Lisboa.

Oliveira, Roberto Cardoso de et alii (1993) *Pós-Modernidade*, 4ª Edição, Editora da UNICAMP, Campinas.

Ortiz, Renato (1994) *Mundialização e Cultura*, Editora Brasiliense, São Paulo.

Rorty, Richard (1988) *A Filosofia e o Espelho da Natureza*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

Rouanet, Sergio Paulo (1993) *Mal-Estar na Modernidade. Ensaio*, Companhia das Letras, São Paulo.

Santos, Jair Ferreira dos (1986) *O que é Pós-Moderno*, Editora Brasiliense, 4ª Edição, São Paulo.

Santos, Milton et alii (1994) *Território, Globalização e Fragmentação*, Editora HUCITEC/ANPUR, São Paulo.

Santos, Milton (1996) *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, HUCITEC, São Paulo.

Silva, Armando Corrêa da (1991) *Ontologia Analítica: Teoria e Método in Terra Livre no N° 9*, AGB, São Paulo.

Smart, Barry (1993) *A Pós-Modernidade*. Publicações Europa-América, Portugal.

Soja, Edward W, (1993) *Geografias Pós-Modernas, A reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Touraine, Alain (1994) *Crítica da Modernidade*, Vozes, Petrópolis.

São Paulo, 14 de setembro de 1997